



“Quero ser José Mojica”:¹ o circuito de produção *trash* independente

Mayka Castellano²

Resumo

Neste artigo, analiso o circuito de produção amadora de filmes *trash*, que surgiu a partir da inserção do fã no papel de produtor, fenômeno que é uma das principais marcas da cultura do entretenimento. Proponho, também, que seja traçado um paralelo entre a trajetória do diretor José Mojica Marins — criador do personagem Zé do Caixão, maior nome do cinema de terror *trash* nacional — e as iniciativas desses jovens aficionados.

Palavras-chave: *Trash*; Produção dos fãs; Produtoras independentes; José Mojica.

A história dos fãs de cultura *trash* que resolveram se aventurar na produção de cinema segue, na maioria dos casos, o mesmo roteiro: uma filmadora chega às mãos de criativos jovens que acham que aquele aparelho pode fazer mais do que filmar festas de aniversários e férias em família. As primeiras iniciativas costumam ser pouco ambiciosas e normalmente contam, quando muito, com o escasso apoio de amigos e parentes mais próximos. O resultado é normalmente ruim do ponto de vista técnico ou artístico, o que não impede de ser extremamente divertido. Alguns grupos, no entanto, se fortalecem a ponto de ganhar nome, elaborar projetos grandiosos e angariar prestígio dentro da comunidade de fãs: assim surgem as produtoras independentes, responsáveis pelos principais filmes *trash* amadores que circulam na ativa rede de entusiastas do *lixo cultural*.

Nesse artigo, procuro traçar um paralelo entre a realização de filmes *trash* por jovens integrantes de produtoras independentes³ e a trajetória do diretor José Mojica Marins, criador do personagem Zé do Caixão, maior figura do cinema de terror nacional. Um produto pode ser considerado *trash* devido ao seu amadorismo ou ao fato de ser considerado “horrrível”, o que passa por um julgamento estético. Normalmente, tornam-se engraçados através de uma peculiaridade, amiúde associada à má-qualidade técnica ou à discrepância das normas do “bom gosto”.

Como essa definição é um tanto vaga, trabalho com a idéia de cultura *trash*

¹ Trabalho apresentado ao Intercom, na Divisão Temática de Audiovisual, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Mestre em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). maykacastellano@gmail.com

³ Para a realização deste artigo, e de minha pesquisa para a dissertação como um todo, empreendi a prática metodológica da entrevista em profundidade com alguns jovens fãs e produtores de cultura *trash*. A forma de abordagem escolhida foi a análise dos perfis de membros de comunidades específicas do site de relacionamentos Orkut (principalmente a *Filmes Trash Caseiros*, que tem cerca de 5.500 membros), do qual já era usuária desde 2004. O processo de observação dos perfis levou-me não somente à escolha dos 28 fãs com quem entrei em contato pessoalmente, por telefone, MSN ou Skype, mas revelou uma eficiente ferramenta na busca de informações e pistas sobre quem eram aquelas pessoas e como se dava a relação mantida entre elas através do site.



associada ao conceito de *paracinema* desenvolvido por Sconce (1995). Para o autor, *paracinema* não é apenas um grupo distinto de filmes, mas, principalmente, uma forma específica de leitura de determinadas produções audiovisuais, uma outra sensibilidade estética e subcultural, que valoriza todo o tipo de “lixo” e, dessa forma, pode reunir uma variedade espetacular de subgêneros. O autor cita como possíveis exemplos o terror e a ficção científica, além de produções como uma campanha governamental de higiene, um pornô sadomasoquista, um strip-tease com grávidas, documentários sobre necrofilia ou zoofilia, um filme japonês de monstros, musicais adolescentes sobre festas na praia, cinebiografias de celebridades como Elvis, um vídeo de treinamento para funcionários do Mc Donald's etc.

Como o espectro de produções envolvidas nessa definição tende ao infinito, minha pesquisa se concentrou nos fãs de filmes identificados com violência e terror em suas múltiplas variações, que vão desde os clássicos assassinatos em série até às narrativas que são conduzidas pela comicidade e que recebem a classificação de *terrir*⁴. O senso comum classificaria a maioria (ou até mesmo a totalidade) desses filmes como sendo de gosto duvidoso — ou, de maneira mais direta, horríveis, asquerosos, assustadores. Pelo menos é essa a idéia presente no discurso dos próprios fãs. Imaginar que o público “normal” não aprovaria tais filmes é o elemento-chave para que estes possam ser cultuados.

Ou seja, a ideologia subcultural da construção de um gosto diferente do apresentado pelo público *mainstream* sustenta a existência dessa comunidade de fãs que celebra o “inassistível” — desagradável ou inacessível para a maioria dos espectadores. Esse tipo de fruição é muito próximo ao *camp*, sensibilidade estética que tenta dar conta da sensação de que algo pode ser bom justamente por ser demasiadamente ruim⁵, e comporta, também, uma busca por distinção através do consumo de produtos identificados como *lixo cultural* (Castellano, 2007; Jancovich, 2002; Sontag, 1987).

Jovens *malucos*, uma câmera e idéias mirabolantes: as produtoras independentes

⁴ “Sexo, horror e humor: esta é a fórmula do terrir”, explicou Ivan Cardoso, diretor de filmes como *As sete vampiras* (1986), *Escorpião Escarlata* (1990) e *Um lobisomem na Amazônia* (2005), e maior nome do subgênero no país. (Ivan Cardoso, o cineasta do Terrir. Rodrigo Fonseca. Revista de Cinema do Site UOL. Disponível em <http://www2.uol.com.br/revistadecinema/edicao39/perfil/index.shtml>)

⁵ O *camp* surge no momento de ascensão da crítica pós-moderna. Através dessa sensibilidade diferenciada, a estetização, o estilo, o exagero e o artifício são supervalorizados, em um “hedonismo audacioso que sucede ao bom gosto” (Sontag, 1987:333). O desenvolvimento teórico deste conceito permitiu à parcela mais ilustrada da população usufruir as tentações da indústria cultural sob o aval do sentimento que expressava a sensação de era possível rir do que é horrível. “A fruição *camp*, entretanto, também pressupõe e patenteia um significativo investimento de capital cultural – seus modos de recepção, seus gostos e seus valores não são, de forma alguma, socialmente irrestritos” (Freire Filho, 2003: 85).



Apresentação da carioca Bafo Movies — “Produtora trash independente ocupada por malucos mirabolantes e suas idéias psicodélicas de um mundo que só existe no vídeo” — disponível na Internet⁶ é um bom exemplo de como se formam esses grupos:

Desde 1998, um maluco chamado Matheus (BAFO) gostava de arrumar umas câmeras emprestadas e fazer filmes muito ruins, os filmes trash. Ele sempre batalhou por uma câmera própria, para um dia, criar oficialmente uma produtora. Só em 2001, ele adquire uma câmera e começa a fazer as brincadeiras, que em dezembro do mesmo ano, criariam oficialmente a produtora, BAFO Movies. (...) Os primeiros filmes eram muito ruins mesmo, por pura falta de recursos (e vergonha), um grupo de malucos fazia pelo menos um filminho por semana, na casa do BAFO. Em 2002, BAFO chama mais amigos para juntar um grupinho. Depois de fazer mais filmes, eles descobrem que não estavam sozinhos. Produtoras como Pepa Filmes, The Dark One Productions e Lixo Filmes, influenciaram os malucos a fazerem filmes mais bem trabalhados, e serem “aceitos” na “sociedade trash” (sic).

A idéia de “jovens malucos e/ou desocupados que conseguem uma câmera, reúnem amigos e fazem filmes” está presente na descrição de praticamente todas as produtoras, como é o caso, também, das supracitadas Pepa Filmes, The Dark One e Lixo Filmes:

Pepa Filmes: Em 1996, Pepa ganhou uma câmera VHS. Inspirado pelos pioneiros filmes amadores “Lord of Souls” (The Dark One Productions) e “Grajaú Ninja 2” (Velho Filmes), que rodavam pelo Grajaú, resolveu fazer sua primeira produção, que se chamava “Morra Pitanga”. (...) Nessa época foram rodados diversos curtas com a participação das demais figuras do prédio e amigos (sic)⁷

The Dark One: Em 1995, um desocupado chamado Marco Antonio, meu irmão, pega a câmera de vídeo de sua Mãe e começa a filmar insanidades. As gravações são feitas no próprio apartamento, com sua mãe, avó e irmão como atores. Após dublar e inserir trilha sonora, surge os filmes The Lord of Souls, The Menino, entre outros, que tornaram-se sucesso no underground do Grajaú e redondezas. Os filmes caseiros incitaram a loucura de outros, como Velho e Pepa. (...). Vendo o mercado crescente de filmes lixões, Kleber continua o trabalho de Marco, usando da mesma câmera aonde surgiram os trevosos sucessos de antes (sic)⁸.

A Lixo Filmes⁹ é uma produtora independente de vídeos formada por um grupo de

⁶ http://www.xmasters.com.br/wiki/mediawiki-1.5.2/index.php?title=Bafo_Movies

⁷ Site oficial: www.pepafilmes.com.br

⁸ Site oficial: <http://thedarkone.orgfree.com/historia.htm>

⁹ Alguns exemplos de produções da Lixo Filmes, com as descrições que aparecem no site:

O Quinto As: “Este é um de nossos maiores clássicos. Um Jogador é pego com o Quinto Ás nas mãos e terá de enfrentar a ira de seus oponentes”. Após o quinto ás ser descoberto em uma partida de pôquer, uma sangrenta briga é iniciada, onde, literalmente, cabeças rolam.

<http://www.lixofilmes.com.br/filmes/quinto.html>

Corrida Estelar: “Uma das maiores superproduções da Lixo Filmes. Com direito a figurinos e efeitos especiais. Este vídeo amador surpreende com seus cenários exuberantes, suas batalhas de espadas laser e suas lutas frenéticas. Único curta de nossa produtora que teve orçamento e até storyboard. “ O filme de 5 minutos, é dividido em duas partes (a terceira, que mostraria o final, segundo o site “devido a um pau no computador foi totalmente perdida”). O curta



amigos do Rio de Janeiro, Brasil, que adora se reunir para brincar de fazer "cinema". Nossos filmes são repletos de ação, cheios de improviso e produzidos da forma mais simples possível. Geralmente tem custo zero, porém, são filmados em vídeo digital (DV) o que proporciona a chance de serem facilmente capturados para um computador caseiro. A partir daí as possibilidades são inimagináveis: efeitos extraordinários, edições alucinantes, música frenética e tudo mais que a imaginação possa criar ("high-trash") (sic)¹⁰.

Apesar de levarem a própria realização mais a sério do que a média dos fãs-produtores, os integrantes das produtoras independentes também gostam de deixar claro que, no fundo, tudo não passa de uma grande diversão. Nenhum deles afirma ter como objetivo qualquer tipo de lucro com os filmes. Entre amigos, esses jovens escrevem a história e, na maioria das vezes, interpretam, eles mesmos, os papéis, já que a preocupação com o desempenho dos atores é praticamente nenhuma. Ocasionalmente, atores profissionais, ou aspirantes a tal, envolvem-se na produção de filmes *trash* com o objetivo de ganhar experiência e ficar conhecido pelo menos nesse microcosmo, já que a participação não é remunerada:

A maioria da turma que participou das filmagens do *Trashix* [filme da produtora *Bafo Movies*] era bem fiel, ia sempre. Alguns eram atores mesmo, foram indicados por terceiros, eles não ganharam nada pra fazer, é claro, teve muita briga, muito stress. Eles eram bem mais velhos que eu, uns 26, 27 anos, eu com 16 dirigindo eles! Era meio difícil de me aturar. Eles ficavam muito putos, um deles saiu faltando duas cenas, tive que fazer uma adaptação no roteiro porque ele já tinha gravado as cenas importantes. Saía muita gente, teve um papel que teve 5 atores diferentes! (Matheus, carioca, 21 anos, estudante de publicidade, da *Bafo Movies*)

Alguns programas de computador permitem que os mais competentes no trato com a tecnologia utilizem determinados recursos e introduzam efeitos especiais que,

conta a história de uma disputa entre os "planetas habitados por humanos" pelo controle do universo, misturando humor e efeitos especiais.

<http://www.lixofilmes.com.br/pgcorrida.html>

Largol: "Hilariante com atuação surpreendente de dois de nossos melhores atores. Este vídeo mostra como uma idéia simples pode se tornar algo muito legal." O filme satiriza os programas de venda pela televisão, com o anúncio de um produto que promete acabar com vários problemas masculinos.

<http://www.lixofilmes.com.br/filmes/largol.html>

Tem Culpa Eu? : "Um dos nossos vídeos com mais falas e elas não poderiam ser mais imbecis e grosseiras. Assista mas tape os ouvidos." (sic). Filme de pouco mais de 2 minutos que mostra uma discussão entre dois homens.

<http://www.lixofilmes.com.br/filmes/culpa.html>

Alguns exemplos de produções da *The Dark One*, nas palavras de Carlos Kleber, seu fundador:

A fantástica fábrica de horrores: conta uma estória de um cientista louco megalomaniaco, mas que esbarra em dificuldades do dia-a-dia, como namoradas, irmão, trabalho e a estupidez das pessoas...

Dia do caçador: "é a estória de um fugitivo da prisão de Ilha Grande e seu caçador. Este filme foi promovido por um pessoal da Ilha, para um festival que nunca saiu do papel. Mas nos divertimos muito em uma viagem totalmente paga por eles, em uma locação paradisíaca!"

Double evil: "Um grupo de amigos se encontra para jogar mau-mau no fim de semana, mas o vencedor acaba aparecendo morto no meio da noite - quem terá matado o sortudo Zé Risadinha? Essa foi uma produção conjunta com a Pepa Filmes e a Spooky IF, surgiu quando o pessoal da Spooky estava pelo Rio. Era um projeto que cada um partiria do mesmo copião, havendo uma versão editada para cada produtora".

¹⁰ www.lixofilmes.com.br



apesar de limitados, dão um tom divertido aos filmes. Em geral, tais recursos são usados exageradamente, e o que se pode perceber é uma profusão de cabeças que rolam, raios-laser que saem dos olhos dos personagens e sabres de luz que surgem de maneira despropositada. O objetivo, no entanto, é justamente esse.

A tecnologia usada nesses filmes gerou o que se pode chamar de nova geração de produções *trash* amadoras, batizada pelos próprios realizadores de “hi-trash”, ou seja, os filmes que são feitos atualmente já não podem ser comparados aos da era pré-digital, quando certos tipos de recursos eram simplesmente inalcançáveis. Certos “tratos na imagem” que hoje estão bastante acessíveis — mesmo para os que não são grandes conhecedores de *softwares* de edição — permitem soluções impensáveis nos tempos em que “*trash* era coisa de amigos de chinelo e bermuda filmando no playground”, como caracteriza Matheus, da Bafo Movies. O produtor, inclusive, acredita que o próprio conceito de filmes *trash* vai sofrer uma alteração com a evolução das técnicas de filmagem e dos recursos cada vez mais facilitados. Em suas próximas empreitadas, ele pretende abandonar o que chama de “*trash* escrachado” e aproveitar o que a tecnologia proporciona para realizar “*trash* bem-feito”, sem abandonar o tom humorístico que caracteriza suas obras. A conceituação *trash* passará, cada vez mais, por questões que envolvem o roteiro, a performance do atores, e a própria temática das produções, muito mais do que as questões técnicas.

A explicação de Carlos Kleber, carioca, engenheiro elétrico de 29 anos, da Dark One, sobre a forma com que surgem as idéias para seus filmes deixa claro que o acesso aos recursos técnicos não impedirá a perenidade do espírito *trash* amador: “Eu faço os roteiros que vem da minha cabeça, do cotidiano, dos filmes que eu vejo, das músicas, de livros que eu leio, então eu junto toda essa cultura que eu pego e mais um pouco da minha insanidade e faço uns roteiros loucos”. Os figurinos, por exemplo, ele arruma com as festas à fantasia que promove em seu aniversário e, amiúde, as histórias são criadas a partir das roupas disponíveis. Muitas vezes, sequer existe roteiro na elaboração de um filme *trash*; um eixo narrativo é combinado, com uma trama central, e os diálogos são criados durante a filmagem.

Bruno Garcia, jornalista de 24 anos e criador da produtora BRV-E, não gosta muito do título de *trash* para as suas produções, apesar de admitir usá-lo para fins “promocionais”. Parte da resistência que tem ao termo deve-se ao fato de não produzir nada alinhado ao terror e seus subgêneros, e achar que *trash* está muito associado a esse tipo de temática:



Acho que do ponto de vista da estética da contestação, me enquadraria como *trash*, pois toda a linguagem e a maneira de produzir com as quais trabalhamos remete para uma evidente contestação a determinados parâmetros de qualidade. Porém, nunca fiz um filme de terror, por exemplo. E as pessoas sempre me perguntam se eu tenho algum filme de matança, de zumbi etc. Ou seja, o termo *trash* causa certa confusão. Prefiro o termo independente, que dá uma dimensão de que o filme está fora dos parâmetros.

Nas descrições das produtoras, acima reproduzidas, é interessante como os grupos citam uns aos outros, deixando claro que existe realmente um circuito de *trash* que se auto-alimenta. A relação entre eles é bastante intensa. Todos os meus entrevistados relataram que a troca entre as equipes facilita bastante a produção. Em vez de competição, o que se nota no meio da produção *trash* amadora é uma forte cooperação, um espírito de celebrar o fato de haver cada vez mais pessoas entrando para o mundo do *lixo cultural*.

O Rio de Janeiro é o pólo de produção *trash* mais importante do Brasil. Curiosamente, algumas das mais ativas produtoras se concentram em uma área específica da cidade: as redondezas do bairro do Grajaú, Zona Norte. A explicação para o lugar poder ser considerado “o berço do *trash*” está no fato de que as primeiras produtoras mais atuantes, a Dark One e Very Filmes, terem surgido ali, e influenciado conhecidos que moravam por perto.

Em 2005, um grupo de estudantes da faculdade Estácio de Sá escolheu como tema para o documentário de curta-metragem — usado como trabalho para o segundo período do curso de cinema — o contexto da criação de filmes amadores na cidade. Intitulada *Trash in Rio*¹¹, a produção apresenta entrevistas com membros das produtoras BRV-E, Dark One, Pepa Filmes e Klafke, que explicam o processo de realização dos filmes e a escolha pela estética *trash*. A abertura é bastante sugestiva, com discos voadores mal-feitos sobrevoando conhecidas imagens da cidade, como o Cristo Redentor, o Maracanã e uma favela, antes de terminar arrancando o bondinho de cima do Pão-de-Açúcar.

Com cerca de 15 minutos, o vídeo já foi exibido em mais de 10 festivais, dentre eles o CinePort (Festival de cinema de países de língua portuguesa), além de mostras e cineclubes espalhados pelo país. O maior feito, no entanto, foi ter saído vencedor da categoria curta universitário no Festival de Gramado de 2006: “Era um sonho de todos os componentes do grupo, Gramado era e continua sendo, a meu ver, o grande festival

¹¹ O filme está no YouTube, dividido em duas partes:
<http://br.youtube.com/watch?v=J4FtFkpVz-0>
<http://br.youtube.com/watch?v=6siwLZg4GIQ>



de cinema brasileiro. Quando soube que o filme tinha entrado para lá, foi como ganhar na loteria”, comemorou Paulo Ballado, de 29 anos, estudante de cinema, roteirista, produtor e assistente de direção do filme.

A crescente importância do meio digital também facilita a inserção de pessoas dos mais longínquos pontos do país no circuito *trash* amador. Em um fórum de discussão na Internet, Teófanos, um jovem de 14 anos, morador de Eunápolis, Bahia, pede ajuda para colocar em prática o projeto de montar uma produtora:

Sei que é muito caminho há a seguir, por isso estou aqui. Já tem um tempo que eu estou aqui no fórum, e achei bem legal, isso me incentivou a investir nesse hobby. Certo, vamos ao que interessa. Como penso em criar uma produtora (acho que a primeira da minha cidade – 100 mil hab. - Sul bahiano) preciso de o essencial: uma camera. Certo, com muita sorte, eu já tenho uma, muito boa por sinal (...) P.S.: Gosto muito da Bafo Movies, D Dark 1, Pepa Filmes, entre outras... espero um dia conseguir ser como v6, tanto quando fazer parcerias!!!(sic)¹²

Ou seja, as novas tecnologias fazem com que esse fenômeno não fique restrito aos tradicionais centros produtores de cultura; o que passa a ser decisivo não é mais onde se está, mas de quais recursos dispõe. Teófanos tem a consciência de que para começar a fazer parte da articulada rede de produtores de *trash*, basta uma câmera digital e um computador conectado à Internet. As produtoras citadas por ele ao final de seu post (Bafo Movies, Dark One e Pepa Filmes) são todas do Rio de Janeiro, mas, lá no sul da Bahia, há quem conheça e admire o que é produzido nos *playgrounds* e terrenos baldios do Grajaú.

Além disso, um grande diferencial do *trash* é a questão do estilo facilitar a iniciativa amadora. Se, em vez de filmes *trash*, ele quisesse fazer uma novela, um épico, um documentário, poderia esbarrar em uma série de restrições de lugar, dinheiro, incentivo, mas, quando já se parte da idéia de fazer algo ruim, a chance do projeto falhar é muito pequena, e é esse o espírito que parece nortear grande parte desses jovens produtores. A escassez de recursos financeiros aliada à liberdade de criação de quem não se guia pela arte *séria* e não teme críticas negativas pode proporcionar elaborações experimentais muito interessantes, situação que ocorria no processo criativo dos filmes B de outrora, quando o pequeno orçamento levava muitos diretores a buscarem soluções complexas, gerando momentos de pura experiência cinematográfica.

O guru: José Mojica Marins, o Zé do Caixão

¹² (<http://www.xmasters.com.br/smf/index.php?topic=524.0>)



A chave para se compreender o universo de Mojica Marins passa pela aceitação – ainda que não necessariamente a apreciação – do horror como um gênero com valores e regras particulares [...]. Muito mais estranho é o mundo de Zé do Caixão àqueles que rejeitam as emoções baratas das quais o próprio cinema de horror se fortalece; um cinema que, ainda que carregado de grafismo – ou, talvez, justamente por causa disso – não deixa de falar também à mente, penetrando nos corredores mais sombrios de nosso subconsciente, onde se ocultam as taras e os desejos inconfessáveis (Prinati, 2008)

Se o fascínio do cinema *trash* — e principalmente do terror, seu filão mais profícuo — é restrito a uma parcela determinada da audiência, o mesmo não se pode dizer da maior personalidade deste gênero no país. O nome José Mojica Marins é capaz de passar despercebido em meio ao público *mainstream*, mas seu principal personagem, Zé do Caixão, coveiro mal-humorado, capaz de cometer as maiores barbaridades trajando roupas pretas e uma indefectível cartola, virou quase uma figura do folclore nacional, sinônimo de tudo que há de assustador e abjeto, uma espécie de Drácula brasileiro.

Zé do Caixão e seu criador foram responsáveis não apenas por trazer ao Brasil, nos anos 1960, o gênero horror, que há tempos era produzido na Europa e nos Estados Unidos, como por fazer esse estilo controverso encher salas de exibição em diversas cidades do país.

No entanto, se para o público brasileiro Zé do Caixão é um sujeito amedrontador de unhas absurdamente grandes, convertido em personalidade e frequentador de programas de auditório, para muitos fãs de *trash*, Mojica é o ídolo maior, espécie de guru, pioneiro na arte de transformar idéias absurdas e recursos escassos em material fantástico, capaz de enlouquecer espectadores e críticos. Para o bem e para o mal.

De cineasta de galinheiro ao premiado *Coffin Joe*: os baixos recursos e o estilo *mojica* de fazer cinema

Nascido em 13 de março de 1936, José Mojica morou a infância inteira nos fundos do cinema Santo Estevão, do qual seu pai era gerente, no distrito da Lapa, subúrbio de São Paulo. Desde muito novo, mostrava interesse não só por assistir aos filmes, mas também por tentar, à sua maneira, criar histórias e encená-las¹³. O começo de sua história nos é bastante familiar: aos 12 anos, ganhou uma filmadora de presente

¹³ “Aos 11 anos, ele ganhou de seu pai uma máquina fotográfica e criou uma espécie de cineminha de terror, inspirado no famoso “Bat-sinal” de Batman. O truque era simples: ele tirava fotos com filme preto-e-branco, mandava revelar o filme e colocava os negativos na boca de uma lanterna de mão. Depois ia para algum lugar escuro e projetava a luz da lanterna numa parede branca, o que dava às imagens uma aparência fantasmagórica” (Barcinski e Finotti, 1998: 44).



de aniversário, incentivou os amigos e vizinhos a participarem de suas brincadeiras e assim nasceram seus primeiros filmes, realizados em um “estúdio” improvisado no galinheiro de um quintal da vizinhança. O primeiro com começo, meio e fim foi concluído um ano depois e contava a história de um ataque de naves espaciais, com formato de caixão, à Terra. Grande incentivador de José, Antônio, seu pai, permitiu que o filme fosse projetado para os amigos na sala do Santo Estevão (Barcinski e Finotti, 1998).

A trajetória de Mojica começa a se distinguir da maioria dos atuais jovens produtores de *trash* em meados de 1953, quando, aos 17 anos, resolveu criar junto com alguns amigos não uma produtora independente, mas uma empresa cinematográfica. Ele já havia abandonado a escola aos 13, na quinta-série, e, desde então, realizava pequenos serviços como auxiliar mecânico. Com a empresa formada, começou a ganhar algum dinheiro com exposições de seus filmes em praças, parques de diversão e circos. Junto a ele estavam operários, pessoas humildes que também sonhavam em entrar para o supostamente glamoroso mundo da sétima arte. A forma com que começou a lidar com cinema talvez explique a competência de Mojica em conseguir criar cenários, escalar elenco, e colocar em prática uma série de processos necessários para a realização de uma filmagem com pouquíssimos recursos (Barcinski e Finotti, 1998).

Apesar dos inúmeros improvisos que já faziam parte do “estilo mojica” de filmar, em 1958 um longa-metragem sob sua direção conseguiu chegar à tela grande: *A sina do aventureiro*, um banguê-banguê que fez relativo sucesso. Sua forma amadorística, crua e direta, no entanto, já começava a desagradar parte dos críticos.

O grande salto de sua incipiente carreira de cineasta aconteceu em 1963, quando, durante um pesadelo, Mojica “viu” pela primeira vez sua própria figura, toda de preto, zanzando por um cemitério. A força daquela imagem inspirou-o a escrever o que viria a ser o roteiro de *À meia-noite levarei sua alma*, considerado por muitos sua obra-prima. A história apresenta ao mundo o personagem do sonho: Josefel Zanatas, assassino, coveiro e agente funerário de uma cidade interiorana, também conhecido como Zé do Caixão (Barcinski e Finotti, 1998).

Sem recursos, Mojica precisou fazer grandes esforços para conseguir levar adiante o projeto deste filme. Como não tinha condições de arcar com os custos de um elenco, contou com a ajuda dos parceiros e alunos da escola de interpretação que havia

fundado¹⁴ e encarnou, ele mesmo, o personagem principal. Para economizar, em vez de rodar cenas externas, criou no próprio estúdio todos os cenários que pretendia utilizar. Assim, dentro de um espaço não muito grande foram erguidos um bar, a casa de Zé, um cemitério e uma floresta (Barcinski e Finotti, 1998).

A despeito da falta de recursos, hoje em dia, muitos críticos consideram que a gênese de Zé do Caixão marca o momento de maturidade na carreira de Mojica em termos de linguagem cinematográfica. A precariedade técnica que se evidencia na execução de *À meia-noite levarei sua alma* acompanharia toda trajetória do diretor e serviria tanto para embasar o discurso de seus maiores críticos quanto para fundamentar o argumento daqueles que o consideram um gênio da sétima arte. O fato é que este filme foi apenas um dos primeiros de uma série de mais de 30 que chegariam às telas dos cinemas (Autram, 2008).

Dentre essas três dezenas de filmes há do faroeste *A sina do aventureiro* à comédia de horrores *A mulher que põe a pomba no ar*, passando por pornográficos como *24 horas de sexo alucinante*, fruto dos anos 1980, época em que praticamente todo mercado cinematográfico comercial brasileiro estava voltado para as fitas eróticas. Mesmo em suas incursões pelo mundo pornô, Mojica não se desfez de seu apego ao bizarro, sendo, por isso, responsável pela introdução de cenas de zoofilia em filmes nacionais, dentre outras “inovações” (Gardnier, 2008).

Apesar da variedade de estilos que compõem a cinematografia de Mojica, foi o horror que o consagrou e transformou em ícone para os fãs de cinema *trash*. Além de *À meia-noite levarei sua alma*, Zé do Caixão ainda estrelou *Esta noite encarnarei no teu cadáver*; *O estranho mundo de Zé do Caixão*; *O despertar da besta*¹⁵, *Exorcismo negro*, *Delírios de um anormal* e o recente *Encarnação do demônio*, lançado em 2008 para completar a trilogia¹⁶ iniciada quarenta anos antes.

Quando a situação financeira de Mojica chegou ao pior nível, e ele não

¹⁴ A escola de atores foi uma maneira encontrada pelo diretor para conseguir formar o elenco de seus filmes sem precisar pagar cachê aos atores. Além disso, parte do dinheiro arrecadado para as produções vinha das mensalidades que os alunos pagavam, e das cotas dos filmes que eles eram levados a comprar. “Nos anos de 1948-49 comecei com a escola de atores [...]. Um jeito que eu encontrei foi colocar um anúncio de três linhas no jornal e veio aquela fila tão grande de gente... Você conversava com as pessoas e elas não tinham a mínima noção; queriam fazer cinema, mas não sabiam nada, não tinham noção de nada. Você punha uma câmera, já queriam olhar para lá e fazer brincadeiras; foi uma época difícil. Então eu pensei em como enfrentar esse problema das pessoas olhando para a câmera, e aí eu chamava de ensaio, eu chamava de escola” (entrevista de Mojica, disponível em: http://www.heco.com.br/mojica/02_01.php).

¹⁵ O filme, que inicialmente se chamava *Ritual dos Sádicos*, foi produzido em 1969, mas só pôde ser exibido no ano de 1983, devido à interdição da Censura. Para conseguir liberá-lo, já rebatizado, em 1982, Mojica realizou cortes que totalizaram mais de 20 minutos, conseguindo, assim, a permissão de exibição para maiores de 18 anos (Barcinski e Finotti, 1998).

¹⁶ Fazem parte da trilogia: *À meia-noite levarei sua alma* (1964) e *Esta noite encarnarei no teu cadáver* (1966).



conseguia verba para fazer seus filmes, Zé do Caixão virou sua forma de ganha-pão. Assim, o personagem passou a servir para participação em eventos, festas, bingos e o que mais aparecesse. Sua condição começou a ficar ainda mais complicada depois da criação da Embrafilme e das mudanças que isto trouxe para o mercado cinematográfico brasileiro.

Curiosamente, nos anos 1990, enquanto Mojica enfrentava sérias dificuldades financeiras e o ostracismo, sua obra ficava mais conhecida no exterior, e Zé do Caixão começava a ganhar o mundo, sob a alcunha de Coffin Joe. O sucesso começou quando André Barcinski, um dos autores da biografia de Mojica, apresentou *À meia-noite levarei sua alma* a Mike Vraney, fundador da distribuidora americana Something Weird, especializada em produções B dos anos 1950 e 1960. Mike ficou maravilhado e decidiu lançar todos os filmes do diretor no mercado norte-americano (Barcinski e Finotti, 1998).

A partir disso, consolidou-se uma situação que já aparecia de forma incipiente desde a década de 1970: enquanto, no Brasil, Zé do Caixão era tratado como uma espécie de *persona* anedótica, passível de torna-se jurado do programa Silvio Santos ou algo que o valha, no exterior, Mojica e *Coffin Joe* convertiam-se, cada vez mais, em ícones *cult* de bastante sucesso. Tal êxito podia ser observado de maneira mais clara em países como Estados Unidos e Inglaterra, que apresentam um mercado de filmes de terror mais desenvolvido, com distribuidoras e revistas especializadas, além de grupos de fãs que organizam freqüentes mostras e convenções¹⁷.

Sabe que eu tenho uma linguagem única, né?! Sou considerado, não só no Brasil, como na Europa, na América, enfim, hoje eu estou entrando no Japão, estou entrando na Índia, e entrando para o Egito. Então eu acho que vou fazer o cerco total. E todos vêem meu cinema como uma linguagem única (Mojica fala sobre seu sucesso internacional em entrevista a 3x4¹⁸).

Essa discrepância em relação à forma com que a imagem de Mojica é vista dentro e fora do país vem aos poucos sendo diminuída. O sucesso internacional e a articulação de uma comunidade de aficionados também no Brasil contribuem para um processo de valorização de sua obra no país, inclusive, em outras esferas de legitimação¹⁹. Em novembro de 2005, Mojica recebeu, das mãos do presidente Luís

¹⁷ Em 1994, Mojica participou, pela primeira vez, de dois dos maiores eventos promovidos por fãs de horror no mundo: a Chiller Con, em Nova Jersey, e a Horry-Fi, em Los Angeles (Barcinski e Finotti, 1998).

¹⁸ Acesso em 30 de junho de 2008. Disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/reencarnado-ze-do-caixao-40-anos-depois>

¹⁹ Desde o início dos anos 2000 foram programados no Brasil diversos eventos comemorativos da obra de Mojica, que celebrou 50 anos de carreira em 2007, principalmente em universidades e centros culturais.



Inácio Lula da Silva, uma medalha de Honra ao Mérito Cultural. “Esse reconhecimento diz respeito aos meus serviços prestados à cultura no Brasil e no exterior”, explicou o diretor²⁰.

Gênio ou demente? O dilema de Mojica como espelho para o *trash*

Irado, Zé do Caixão será muito mais engraçado para intelectuais sofisticados, mas sua imagem atinge, pura e com seriedade desejada o espectador comum. À meia-noite levarei sua alma [...] é um marco na história do cinema de terror. Uma orgia de crítica social só comparável ao clássico *L'age d'or* de Luis Buñuel. (Crítica de Salvyano Cavalcanti de Paiva, Correio da Manhã)

O público medianamente esclarecido se julga obrigado a valorizar o exótico, o que é ligeiramente incomum, [...] o desfile grotesco, grosseiro, grosso de À meia-noite levarei sua alma, que absolutamente não é cinema, acaba por encantar os que sentem falta de uma espécie de pornografia.[...]. A lembrança de Luis Buñuel, levemente chamado como testemunha da importância de Mojica, só pode ser considerada um desafio (Crítica de Maurício Gomes Leite, Jornal do Brasil)

Os trechos acima citados — publicados na ocasião do lançamento de *À meia-noite levarei sua alma* — servem para ilustrar a forma controversa com que a crítica e a intelectualidade brasileira reagiram ao surgimento do cinema de horror de José Mojica. Em seus filmes de outros gêneros, os problemas técnicos poderiam ser considerados motivo suficiente para que toda a criatividade e talento do diretor se perdessem; mas o que dizer sobre seu mergulho no universo do terror, gênero que parece ter regras internas próprias, onde o mal-feito pode ser apenas detalhe, onde o tosco é bem-vindo, e, por que não, parte essencial do processo?

Acerca de estas e outras questões estéticas, sociais, políticas, dentro e fora do mundo do cinema e da imprensa, diretores, jornalistas e críticos divergiam quanto à obra de Mojica. Demente e gênio eram (e continuam sendo) algumas das palavras amiúde empregadas em textos a seu respeito. O ponto de partida para entendermos a conturbada relação do criador de Zé do Caixão com a intelectualidade passa por uma questão fundamental para essa pesquisa, que acaba permeando toda a análise que procuro fazer sobre a cultura *trash* e sobre o seu consumo: os filmes *trash* devem ser levados a sério?

A principal diferença entre as críticas negativas e positivas publicadas em jornais nas ocasiões de lançamentos dos filmes de Mojica é a nítida sensação de que alguns críticos resolvem “embarcar” nos delírios do diretor, e por isso conseguem tirar daquela experiência cinematográfica prazer parecido com o que seus fãs extraem de filmes de

²⁰ Entrevista disponível em http://www.heco.com.br/mojica/02_01.php



terror de uma maneira geral. Os que se mantêm a uma distância “segura” dos enredos não conseguem entender a lógica que rege esse tipo de produção e acabam caindo na superficialidade do juízo bom/ruim; bem-feito/mal-feito.

É interessante como, guardadas as devidas proporções, os fãs/produtores também estão sujeitos a esse mesmo tipo de julgamento: depois de emplacar dois vídeos na final do festival de filmes independentes promovido pela Associação de Ensino Superior de Olinda, a AESO o supracitado jovem estudante Matheus, então com 17 anos, foi procurado pela imprensa para a realização de matérias em revistas e jornais. A forma da abordagem feita por esses veículos, no entanto, é bem ilustrativa dos dois principais pontos de vista que costumam acompanhar o *trash*: em uma matéria da revista *Giro Cultural*, segundo o próprio Matheus, ele é descrito como uma “criança retardada” que faz filmes idiotas e ainda os divulga. Já em uma entrevista publicada no *Diário de Pernambuco*, um crítico que assistira aos filmes de Matheus no festival elogiou bastante o jovem diretor, considerando-o prodígio.

Considerações finais

Já li a biografia do Mojica, além de ter visto seus filmes, e ele é uma coisa lendária. É um cara mal compreendido por fazer um gênero pouquíssimo popular no Brasil, e como já disseram dele, se tivesse nascido no EUA sua estória teria sido bem diferente (Carlos Kleber, engenheiro, 29 anos, da *Dark One*)

Eu sou muito fã do Mojica! Em 2000 eu vi os filmes dele e foi decisivo pra eu resolver fazer uns filmes! Era visivelmente sem muitos recursos, mas ainda assim era legal, divertia, aí eu pensei: “cara, eu podia estar fazendo também!”. Vi que dá pra expressar muita coisa, sem muita grana, com um pouco de esforço(...). Eu descobri que não preciso estar em Hollywood ou ser um rico milionário, ou sequer ter uma verba aprovada no governo... Pô, é fazer curtas mesmo, *trash*, tem que liberar a criatividade! (Henrique, estudante, 21 anos)

Em dezembro de 2007, o jovem cineasta Renato Borges, diretor de *A fuga do cocô miserável*, citado no início do capítulo, fez uma pequena participação no programa *Altas Horas*, apresentado por Serginho Groisman. No programa, há um momento em que um púlpito é montado no palco e pessoas da platéia podem manifestar-se sobre qualquer assunto. Renato foi até lá e disse que queria fazer um protesto porque ninguém assistia a seus filmes e anunciou os inusitados nomes das produções, avisando, ao final, que todos estavam disponíveis na Internet.

A platéia e os convidados reagiram com aplausos e o apresentador, então, se solidarizou e permitiu que Renato exibisse um pequeno trecho de *A mão assassina*, que



foi recebido com risadas e palmas da platéia. Groisman interessou-se pelo fato do menino estar envolvido em todas as questões ligadas à produção do filme, inclusive como ator.

“Você é o Zé do Caixão do século XXI?”, perguntou o entrevistador. Após hesitar, Renato respondeu afirmativamente, completando que seu gênero preferido era, sim, o terror, mais especificamente o terror. A associação entre Renato — e os demais fã/produtores de trash — e José Mojica faz sentido, se pensarmos que, em primeiro lugar, o cineasta é o grande nome do gênero horror no Brasil, e Zé do Caixão, espécie de alter ego do diretor, a primeira imagem que costuma vir à mente dos brasileiros quando o assunto é filme de terror nacional. Em segundo, porque as difíceis condições de filmagem a que Mojica estava submetido fizeram com que seu cinema ficasse associado à precariedade técnica e à superação, o que, por outro lado, gerou um enorme número de admiradores no Brasil e no exterior. A paixão por filmar parece ser o principal ponto em comum entre Mojica e esses jovens: de um lado, o velho cineasta, que aguardou longos quarenta anos para terminar a trilogia de sua criatura, do outro, os amadores, na acepção original do termo, como aqueles que se dedicam a uma arte ou a um ofício por gosto, por amor.

As condições técnicas que envolvem o cinema dessas duas gerações, no entanto, apresentam discrepâncias evidentes. Para conseguir rodar alguns de seus filmes, Mojica precisou pedir sobras de rolo de filme a amigos cineastas, algo impensável em tempos de mídia digital, onde espaço para armazenamento e meios de produção não se configuraram como problemas para os “Zés do Caixão” pós-modernos, como sugeriu Groisman. Além disso, para Mojica, cinema sempre foi “coisa séria”, de onde, apesar das dificuldades, conseguia seu sustento e de sua família. Alguns desses jovens cineastas podem, sim, acabar transformando sua “brincadeira” em trabalho, mas, aparentemente, muito mais do que reconhecimento e dinheiro, o que eles buscam é diversão e sociabilidade (Barcinsky e Finotti, 1998).

Diversos festivais, principalmente os dedicados ao horror ou ao cinema fantástico, constantemente reverenciam a obra do criador de Zé do Caixão como um verdadeiro gênio privado, durante muito tempo, da consagração²¹. De acordo com o site

²¹ Principais prêmios recebidos por José Mojica:

1973: Prêmio Especial no Festival de Sitges, por *À meia noite levarei sua alma*

1974: Prêmio L’Ecran Fantastique para originalidade e Prêmio Tiers Monde da imprensa mundial, na III Convention du Cinéma Fantastique (França), por *À meia noite levarei sua alma*

1976: Medalha de Prata por *Inferno Carnal* no Festival de Sitges - Espanha

1978: Placa de Prata por *Delírios de um anormal*, no Festival de Brasília



oficial de seu último filme — *Encarnação do demônio* (2008) —, só no ano de 2001 Mojica foi convidado para homenagens e retrospectivas de seus filmes em mais de 20 países. Nesse mesmo ano, recebeu o maior prêmio da história de sua carreira: uma menção honrosa pelo conjunto de sua obra, no maior festival de cinema independente do mundo, o Sundance Film Festival. José Mojica é o cineasta brasileiro mais visto e cultuado no mundo, e, mesmo no Brasil, já levou mais de 10 milhões de espectadores às salas de cinema, em uma época em que assistir a um filme demandava bem mais esforço do que acessar o YouTube.

Referências bibliográficas:

AUTRAM, Arthur (2008). Resenha de *À meia-noite levarei sua alma*. Disponível em http://www.heco.com.br/mojica/filmes/03_03.php. Consultado em 22/09/08.

BARCINSKY, André, e FINOTTI, Ivan (1998). *Maldito: a vida e o cinema de José Mojica Marins, o Zé do Caixão*. São Paulo: Editora 34.

CASTELLANO, Mayka (2007). *Reciclando o lixo cultural: uma análise sobre o consumo trash entre os jovens*. Anais do XXX Intercom. Santos.

FREIRE FILHO, João (2007). *Reinvenções da resistência juvenil*. Os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

_____ (2003). Mídia, consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade. *ECO-PÓS*, vol. 6, n°1, p. 72-97.

GARDNIER, Ruy (2008). Comentário sobre filmes pornográficos dirigidos por José Mojica. Disponível em http://www.heco.com.br/mojica/filmes/03_22.php. Consultado em 22/09/08.

JANCOVICH, Mark (2002). Cult fictions: cult movies, subcultural capital and the production of cultural distinctions. *Cultural Studies*, vol. 16 n° 2, p. 306-322.

PRIMATI, Carlos. O horror universal de Zé do Caixão. Disponível em: http://www.heco.com.br/mojica/ensaios/04_01.php# (consultado em 22/09/08).

SCONCE, Jeffrey (1995). “Trashing” the academy.. *Screen*, vol. 36, p. 371-393.

SONTAG, Susan (1987). Notas sobre o camp. In: *Contra a interpretação*. Porto Alegre: L&PM, p. 318-337.

1984: Medalha de Prata pelo filme *A estranha hospedaria dos prazeres* no Festival de Sitges - Espanha

1994: Prêmio pelo conjunto da obra na ChillerCon em New Jersey - EUA

2001: Homenagem pelo conjunto de sua obra no Festival de Sundance - EUA

2008: Prêmio Especial no 1º Riofã

2008: 7 Prêmios, incluindo melhor filme, no Festival de Paulínia por *Encarnação do demônio*